Ano III (Segunda epoca) — *Sabado, 22 de Fevereiro de 1908.* — Num. 6.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organizar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

O 2.° Congresso Estadoal Operário

REFERENDUM

a todas as sociedades operárias de rezistencia de S. Paulo e do Interior

Convidamos todas as ligas e sindicatos operarios a responderem-nos com a maior urjencia às seguintes perguntas, pois é precizo àtivar os trabalhos do Congresso que, por deliberação tomada na reunião geral das comissões ezecutivas do dia 3, deve ser realizado na primeira quinzena de Abril.

1.° Dezeja a liga aderir ao 2.° Congresso Estadoal?

3.° Em que cidade do Estado acha a liga que o mesmo Congresso deve efetuar-se?

As ligas de S. Paulo e do interior devem responder *antes do fim do corrente mez de Fevereiro.*

A Federação Estadoal.

Até agóra só chegaram á Federação Operária as adezões de poucas sociedades de rezistencia. Pedimos a todos os Sindicatos a maior urjencia em responder ao *Referendum* acima; pois é precizo que os trabalhos para a realização do 2.° Congresso sejam àtivados o mais possivel e para isso temos necessidade de saber com quantas adezões podemos contar.

COOPERATIVISMO

E' este um assunto de àtualidade agóra que o proletariado paulistano parece ter sido empolgado por uma febre cooperativista; e nós dezejamos dizer o que pensamos a tal respeito.

Lonje de nós a ideia de provocar decidencias ou questões entre os nossos companheiros de trabalho, que, de bôa-fé, se dedicam a esta iniciativa; lonje de nós a ideia de criar obstáculos á sua realisação. O que dizemos è a espressão genuina do nosso modo de compreender o cooperativismo operário e ao esprimirmos esta nossa opinião não nos guia o segundo intento de a impôr aos interessados, tanto mais que as cooperativas que aparecem agóra no horizonte do movimento operário são desligadas, estranhas in totum *aos sindicatos de rezistencia.*

O cooperativismo è um bem, uma ajuda no movimento proletário ou é pelo contrario um obstáculo ao dezenvolvimento e ao progresso do mesmo? No nosso modo de ver, pode ser uma coiza ou outra, conforme as ideias de que são animados os operários que a êle se dedicam, e conforme o rumo que a cooperativa de produção toma ao nacer.

E' um mal, se os operários se unem em cooperativa guiados por um sentimento egoístico por si ou pela classe e deliberam dedicar os eventuais lucros materiais ao escluzivo engrandecimento da sua industria. E' um bem, se os cooperativistas são animados pela ideia de se emancipar do jugo do capitalista, trabalhando por sua conta, mas destinando todos ou a grande maioria dos lucros da sua produção á propaganda do movimento e à ajuda de outras classes de operários.

No primeiro caso, todos os inconvenientes do industrialismo, concorrencias, negociações, etc. arrastarão pouco a pouco os opérários da cooperativa para o lado da burguezia, afastando-os cada vez mais da grande massa dos proletários, e o egoismo e o apêgo á sua fábrica farão com que êles se tornem, mesmo sem o perceberem e apezar da sua bôa vontade, outros tantos pequenos burguezes, com os mesmos defeitos dos espoliadores comuns: e então a cooperativa é um mal, um obstáculo ao movimento, porque, tirando para si a parte mais àtiva ao proletáriado duma classe, desvia estes elementos da propaganda nas fábricas.

Se pelo contrário os operários da cooperativa, deixando de lado quaisquer ideias de grandezas — *que são as mais prejudiciais — trabalharem pela propaganda de todo o movimento proletário, se para a sua cooperativa reclamarem a participação direta de todo o operariado, revertendo em beneficio da cauza comum* o plus valore, *por assim dizer, da sua produção, a cooperativa continuará a ser, lojicamente um elemento escluzivamente proletário dando á cauza operária um beneficio material, alem do facto de ajudar os operários da classe, perseguidos pela reàção burgueza, oferecendo-lhes o meio de cuidarem das suas familias.*

De qualquer maneira, porem, o cooperativismo deve ser para nós uma questão estranha à rezistencia e à àção de classe, para que esta e aquéla não sejam prejudicadas pela preponderancia de um método cujos beneficios são núlos, em comparação com os que nos vêm pela dedicação ao sindicalismo revolucionario àtivo enerjico e combativo.

J. S.

Mizéria!

Devido a má organização da poderozissima classe operária e à sua falta de opinião, dia a dia mais me convenço de que o operário não é um *homem* mas sim uma *besta!* Ao abrir-se qualquer jornal, depara-se enfalivelmente com noticias referentes a acidentes de que foram vítimas, mizeros operários! Agora mesmo nos chegam noticias dezoladoras, de que os operários empregados no serviço da Estrada de Ferro Alcobaça, rejião do Tocantins, acham-se reduzidos á situação mais horrivel que se possa imajinar!

Trabalham em um logar pestilento, onde a atmosfera é saturada de gazes mortiferos, ganhando uma *mizéria*, não para viver, mas para morrer! Para morrer? Sim, para morrer, pois raros serão os que escaparem daquele fôgo fatal. Acham-se atacados de molestias fatidicas a maior parte dos infelizes operários que se acham na rejião do Tocantins. Quando gravemente enfermos, são recolhidos à um barracão de zinco a que dão o pompozo titulo de *hospital!* Se querem voltar aos seus lares, arriscam-se á multa. Estenuados pela fadiga, por sofrimentos e privações, morrerão no caminho e serão sepultados na vala do esquecimento! E' de mais! Operários! despertai! Tendes dormido muito! Acordai! Erguei-vos unidos e fortes como um rochedo e bradai com força: — Basta de infamias. A' Liberdade ou á Morte!

Amparo, 19-2-08.

J. FIRMINO

Á classe operária Campineira

Decididamente, o operariado campineiro desta feita vai ficar emancipado: pelo menos, é o que se depreende dum artigo de fundo do *Comercio de Campinas* do dia 16 do corrente.

Um a[illegible]lista que dá pelo pseudonimo de Jaime, mas que muito bem conhecemos, pelos seus anteriores artigos sobre o café e futuros injenhos da estrada de ferro, que talvez nunca tenham solução nas mãos dum rabiscadôr beócio, erije-se em messias, em salvadôr do povo, e em coluna e tanto de proza burlesca mete os os pés pelas mãos e dá coices de todo o tamanho.

Começa por declarar que vai dezempenhar uma missão de que o incumbiram « sobre o manifesto e público disvirtuamento dos justos, genéricos, primitivos e naturais intuitos dos operários »..

A seguir, o homem estravaza num despeito mal contido, todo o rancôr, toda a aversão que sente pela *Liga Operária*.

No seu odio cego não dicerne nada, confunde tudo. Faz uma salsada dos demónios, uma confuzão piramidal. Mas o facto esplica-se: a *Liga* merece pouca confiança aos que por interesse não estão de acôrdo com èla. Apezar de tudo são obrigados a uzar duma certa rezerva, duma certa deferencia, porque éla acabou por impôr-se a todos.

Mas foi bastante que um grupo de aderentes á *Liga antimilitarista* do Rio, e alguns sócios tambem da *Liga*, se lembrassem de formular um protesto, para éles se lançarem, como os urubus á carne, sobre esta *Liga*, no intuito e com o dezejo de esfacelar uma obra que tem frutificado e que lançou raizes, mas que faz sombra a alguem.

De maneira que convém esclarecer este ponto: *A Liga* não é responsavel pelo protesto contra o sorteio, ainda que estivesse dentro da sua alçada tomar a paternidade do movimento, porquanto a questão afeta os trabalhadores e como tudo neste mundo se relaciona e se confunde com a questão economica, nada mais natural do que éla manifestar-se sobre o assunto.

E agora vamos por partes responder ao farçola do sr. M. G. ou Jaime.

1.° O prezidente da *Liga* não esbofetiou ninguem, pelo simples facto de não haver prezidente na mesma e por esse motivo é que o articulista não tem a honra de o conhecer.

2.° Na *Liga* todos os seus membros trabalham espontaneamente e por esse motivo é uma infamia inqualificavel propalar « que procura alguem servir se do cargo para fins especulativos ».

Só aos sócios da *Liga* ha que dar contas do seu movimento e para esses, se por acazo duvidarem, estão os documentos ao seu dispôr.

Isto pelo que toca á colètividade. Vamos agora escalpelizar ponto por ponto a chusma de imbecilidades que o trignómetro estampou nas pobres tiras de papel que os tipógrafos foram obrigados a compôr por ser esse o seu oficio.

O homem refere-se ao facto do operariado não ter pátria e intrometer-se *em atos da soberania nacional* e compara isto ao cazo dos ateus não terem relijião nem reconecerem Deus e intrometerem-se a criticar os respètivos rituais e pretenderem corrijí-los sem orientação dos fins etc.

Mas isto é dos livros, caro safado. Porque te metes tu tambem em assuntos que não te direm respeito? Para que é que os católicos e os protestantes e todas as relijiões atacam os ateus ou todos aquéles que precindem dessas fantasmagorias?..

Depois, diz que a lei do sorteio obrigatório é intuitivamente uma das que pela sua substancia e natureza está fóra das conveniencias da referida comunidade.

Mas como, animal! E' ou não verdade que os trabalhadores têm de ir assentar praça e abandonar a mulher, os filhos e a familia e o futuro, em holocausto a essa convenção chamada pátria?

E' ou não verdade que a lei posta em vigor vem ferir, afètar todos os trabalhadores? Então como se ha de negar aos trabalhadores o direito de se interessarem pelos assuntos que os virão assoberbar?

Mais abaixo refere-se aos operários nacionais e aconselha-os a não admitirem que os estranjeiros intervenham em assuntos de cá...

Mas como é? Os estranjeiros! São ou não são êles unidades uteis ao progresso e ao dezenvolvimento do paiz? Como pois tolher-lhes a liberdade de àção, se são chefes de familia e quando não já por êles, pelos filhos teem o dever inelutavel de abrir caminho!?

Neste ponto não ha estranjeiros, porque constituindo familia compete-lhes o dever de olhar pelo futuro dos filhos. Este espirito de jacobinismo já era tempo de dezaparecer, pois que são poucas as pessoas que quando não sejam estranjeiras, não tenham ao menos, parentes, ou sejam filhos de estranjeiros. Os naturais puros andam metidos no mato e só são apanhados a fôgo.

Seguindo no curso confùzo do seu juizo, diz que quando uma agremiação não cumpre uma lei « deve ser posta fora das leis e sofrer as suas rigorozas consequencias ».

E' a lenga—lenga velha e estafada. Impotentes para de frente combater os inimigos apelam para a policia para que esta feche os locais. Bando de idiotas!

» Portanto, acha muito justa a intenção de muitos operarios, de quererem que fiquem patentes e definidos os intuitos da *Liga* ».

Mas desde que éla se fundou, caro cinico, que os seus intuitos estão definidos: Lutar no terreno económico na perspètiva de ir conquistando mais garantias de vida e ir ensaiando o operariado nos métodos da luta de classe e de protesto e de solidariedade.

Não se esqueceu tambem daquêle aforismo jezuítico: devidi para melhor vencerdes. « No cazo de haver relutancia é constituirem uma outra sociedade, da qual fiquem banidas as questões de nacionalidade, relijião e outras alheias ao bem estar da classe operária ».

Mas esta nem ao diabo lembraria! Quem faz questão de nacionalidade? Porventura aconselhámos alguma vez ódio a quem quer que fôsse? Isso é uma mercadoria que fabricais em vossa caza: o espirito de jacobinismo não é nosso: é vosso, é planta ezótica, equatorial.

Que quando haja necessidade de influirem na politica, se alistem como *eleitores*.

Isso já nós esperavamos. Naturalmente, o tal Jaime quer um logar de poltrona na camara dos deputados. Sim, vai lambendo os beiços que has de comer.

Sim, se a *Liga* fosse constituida por um bando de carneiros, teria o apoio de todos os mariolas e rabiscadores ineptos. Mas como éla se esforça por orientar o operariado no caminho de rezultados immediatos, então morte com éla... E acrecenta:

« Isso de arruaças, motins e transgressões da ordem, não convem aos operários que vivem do capital imprescindivel para ser dado em pagamento do trabalho ».

Viram que concepção? que talento! Para este individuo não é o trabalho que dá de comer ao capital: é, muito ao contrário, o capital que dá vida ao trabalhador. E' a ladainha de sempre, o supremo refújio, e que muitos trabalhadores ainda não podem compreender pela ignorancia de que ha seculos têm sido vitimas. Falte o padeiro que coze o pão e o lavrador que semeia o trigo e o colhe, que lavra e aduba a terra e veremos se os capitalistas comem bilhetes do banco. Que falte o mineiro que estrai a ulha e verêmos se os capitalistas se podem transportar nos trens ou nos vapores para qualquer ponto do glôbo. E em todos os outros misteres, o mesmo.

« Se hover na classe quem obtenha ocultos suprimentos »...e por ai álem o que tu queiras, cavalgadura, porque a fantazia dos loucos cura-se no hospital apropriado. Eles lançam mão de todos os espedientes, de todas as infámias, de todos os processos imajinados e imajinaveis, caluniando, infamando, deturpando dignidades.

Ainda bem que a maioria dos trabalhadores já se não deixa seduzir pelo canto da sereia: esta já passou ao reino da fabula; já ninguem acredita nela. Podeis, pois, uivar, ganir, ladrar. Dilatai esse peito, escancarai essa bôca, que nós, persistentemente, sem espalhafatos, sem contemporizações e sem ambajes, continuaremos a nossa obra de reabilitação e de rejeneração social.

E o *Comercio* que deu em artigo de fundo acolhida a um tal montão de insinuações e calúnias, que perfilhou tais doutrinas, que sujeriu o artigo, por carta anónima recebida, salvou a patria da mão dos bárbaros, revelando

ás autoridades que ha uma *Liga* que deve ser fechada, e assoprando aos operários o vento da discordia para levantar implicancias, intrigas, dezavenças.

Regozijai-vos, gentes, que estais livres dum cataclismo que pezava sobre vossas cabeças!...

Os operários concientes continuarão a dispensar a tutéla, a paternidade dos tais redentores da ultima hora, declarando que são de maior edade, e por isso mesmo libertos de tutorias; senhores da carta de alforria e prontos a defendê-la, custe o que custar, porque está nisso o seu brio, a sua dignidade e a sua saúde.

Alerta, trabalhadores!

Cuidado com os messias surjidos! Fuji dos vermes repugnantes que pretendem lançar a desorientação no vosso meio.

Campinas, 16—2—908.

A Liga Operária.

A liga operária de Campinas comunica a todos os operários que continua aberta até ao dia 4 de Março a matricula para os que dezejem frequentar a AULA NOTURNA DE ENSINO que irá funcionar quanto antes na séde da mesma Liga - Rua Rejente Feijó, 39.

PARA A HISTÓRIA

Recortámos da "Plateia" do dia 11 de Fevereiro:

A Greve dos Chapeleiros

Os srs. Matanò Serícchio & C., fabricantes de chapéus nesta capital, dirijiram hoje uma carta ao dr. Washington Luiz, secretário da justiça e segurança pública, agradecendo as prontas providencias tomadas pela policia no sentido de reprimir a greve dos operários daquela fabrica, cujos trabalhos estão já normalizados.

Sem comentários!!!

A greve legal

Una das superstições mais vãs é a da «greve legal».

Noutro tempo, a simples suspensão do trabalho, a «guerra dos braços cruzados», bastava para amedrontar os patrões, mas, ha alguns anos para cá, os capitalistas têm feito tambem a sua educação.

Agora têm êles em seus contratos caixas de greves, garantias e muitas coizas mais.

Os patrões metalurjicos da França, têm um fundo de muitos milhões para rezistir as greves; na industria da lã, em Troyes, por ezemplo, os patrões que fazem concorrencia uns aos outros perante os freguezes, são todos solidários contra os operários.

Estomagos vazios contra burras bem cheias: a luta é desigual.

O patrão recebe o seu subsidio para a suspensão do trabalho; os seus colegas ajudam-no na ezecução das encomendas recebidas.

Quanto às *gordas caixas* dos sindicatos, deixai-me rir. As trade-unions inglezas, as mais ricas do mundo, anunciavam em 1904 uma entrada de 102 fr. 30 por cada membro: de que diabo vale esta insignificante quantia perante os milhões patronais? A grande greve dos mecánicos inglezes em 1897 bem o demonstrou: gastaram-se 24 milhões em subsidios para se chegar a uma derrota.

Por outro lado, os patrões têm um meio muito facil para esvaziar as caixas dos sindicatos: o *lock-out*.

Na Alemanha foi posto em pratica com bons rezultados.

Uma greve é um golpe rápido, uma emboscada. Ganha-se de surpreza.

A violencia? mas o ezercito intervém. O antimilitarismo aparece tambem.

E assim, àção diréta e antimilitarismo são as concluzões necessárias de qualquer àção sindical que queira ser lójica.

A. BRUCKÈRE

No artigo «Comicio Antimilitarista» inserto no nosso número passado, saíu, por erro de compozição, a fraze: ... Proudhon, um dos maiores filózofos do século XVIII, quando devia ser: Proudhon, um dos maiores filózofos do século XIX; e em vez de: acompanhado dum secreta, — acompanhado dum segreia.

Houve mais erros, nesse escrito e noutros, os quais os leitores facilmente terão corrijidio.

Por ser o jornal mais velhaco de todo o Estado de S. Paulo

Não leiais IL SECOLO.

O MOVIMENTO EM S. PAULO

Operários, àlerta!

Consta-nos que os industriais de São Paulo trabalham ás escondidas para, dentro de pouco, impôr de commum acôrdo o antigo horario de nove horas.

A'lerta, operários!

Não vos deixeis apanhar de improvizo pela reàção do capital. Preparai-vos!

Talvez seja precizo ajir e ajir enèrjicamente, para que estes verdugos não possam obrigar-nos a recuar um passo.

Preparai-vos para a defeza, operários, e que os patrões — cazo queiram obrigar-nos á luta — encontrem néla o maior prejuizo possivel.

Ser cobarde no momento mais acezo da luta é um crime. Abandonar a conquista das **8 horas** seria a maior vergonha para o proletariado paulistano. A'lerta, operários!

Os Chapeleiros

Este movimento dura já ha dois mezes e tem-nos dado bastantes ensinamentos que nos fornecerão argumentos para futuras discussões, que chamaremos a todas as partes, pelo menos ás mais àtivas do proletariado, pois destas palestras deve saír a aceitação duma tática mais adequada ao nosso movimento e de maiores rezultados em ocaziões de greve.

Entretanto, por cada dia que passa, novos factos vêm ao nosso conhecimento; o ultimo é até duma certa gravidade.

Veio á nossa redàção um chapeleiro, de nome Giovanni Sironi, recém-chegado da Italia, o qual nos disse que o «Patronato Italiano dos Immigrantes» está dezempenhando o encargo de arranjar crumiros por conta das duas fábricas de chapeus que àtualmente têm o pessoal em greve.

Diz Sironi, que, tendo recebido na Hospedaria dos Immigrantes um bilhete gratùito até Sorocaba foi, por indicação de amigos, ao Patronato pedir uma recomendação para alguma pessôa daquella cidade, para que não ficasse desprevenido no caso de lhe faltarem nos primeiros dias, os recursos para satisfazer as ezijencias do estomago.

O prezidente do Patronato, o senhor Catani, sabendo que o companheiro Sironi é chapeleiro de profissão, ofereceu-se para acompanhá-lo a uma fábrica onde o mesmo encontraria immediatamente trabalho.

Mas Sironi não ignorava que ha em S. Paulo duas fábricas em greve e, cheirando-lhe a armadilha, quiz que lhe dissessem em qual fábrica êle devia ir trabalhar, pois não queria afrontar a justa reàção dos grèvistas, tornando-se crumiro.

—Então respondeu-lhe o senhor Catani, um homem como vossê, tem medo de apanhar bordoadas?

—Alem disso, eu sou solidário com os meus companheiros de trabalho e respeito a greve.

—Ah! Vossê respeita a greve? Então puxe daqui p'ra fóra! e pô-lo fóra da porta aos empurrões.

Achamos que este procedimento é indecente; e tudo o que poderiamos dizer, censurando a conduta destes senhores—que se abaixam até fazerem o papel de *puxa-sacos* dos capitalistas, prejudicando pobres operários de quem têm o cinismo de se dizere amigos —tudo o que poderiamos dizer aqui, protestando contra uma àção tão vergonhoza, seria, pouco,

Mais vale apontar estes tipos á opinião pública, que não deixará de dar ás suas àções o valor que élas têm e que lhes deven reconhecer todos os que têm um pouco de conciencia e de bom senso.

***

Sabemos que os crumiros de quatro fabricas de chapeus, coadjuvados pelos respètivos patrões, estão lançando as bazes de um *sindicado amarelo*, isto é, uma sociedade de Crumiros, fornecedora de carneiros em cazo de futuros movimentos na classe dos chapeleiros.

Não é uma novidade. Na Europa onde o movimento operário toma cada vez mais o seu verdadeiro significado de luta, os patrões já procuraram reúnir os seus satélites, os mizeráveis *escravos voluntários* e aproveitá-los como instrumento de reàção contra os operários organizados.

Com quanto estes lacaios da burguezia, estes carrascos dos próprios irmãos de trabalho nos façam pena, nem por isso deixaremos de aconselhor aos nossos amigos que redobrem de esforços na propaganda da organização de classe e que continuem a luta, a todo tranze, embora se achem em frente de antigos companheiros de trabalho, reduzidos pela sua malvadez a dóceis instrumentos nas mãos dos inimigos comuns.

Não deixemos, no entanto, companheiros, de demonstrar a estes infelizes o triste, o infame papel que êles estão fazendo, não poupemos esforços para lhes abrir os olhos á luz da dignidade e do direito, mas, cazo isto se nos mostre impossivel, lembremonos de que nada, absolutamente nada, deve deter-nos na marcha para a nossa emancipação e é necessário, para nosso bem, para o bem da nossa cauza, passar por cima de todos os obstáculos, de qualquer natureza que êles sejam.

Greve de Tijoleiros

Continuam em greve os tijoleiros da «Conceição dos Guarulhos». Os proprietarios de olarias estão demonstrando mais uma vez que a conciencia dos industriais não escuta outra voz a não ser a do seu interesse e que de nada valem para êles todas as mais justas razões de economia, de dignidade, de higiene que os pobres operários adiantam na justificação dos seus pedidos.

Que lhes importá a êles se os operarios mal podem sustentar as suas familias? Que lhes importa se a escessiva duração de um trabalho de bestas faz com que êles se arruinem fizicamente dentro de pouco? Nada! absolutamente nada! Basta-lhes que ganhem bastante dinheiro: o resto é proza e sentimentalismo.

Neste movimento acontece o que já tem acontecido em outros. Os pequenos proprietários, os que não têm dinheiro para enfrentar a situação, querem ceder ás ezijencias dos trabalhadores, mas são impedidos de o fazer pela impozição dirèta ou indirèta dos *peixes grandes*, dos grandes, de uma meia duzia de proprietarios mais ricos e mais prepotentes.

Isto, porem não influi para fazer perder aos tijoleiros uma parte sequer do seu entuziasmo. Eles continuam a realizar as suas reuniões quazi todos os dias e sáem cada dia mais dispostos a não se deixarem vencer na luta contra os seus esploradores.

Os transportadores de tijolos demonstraram ter uma boa conciencia de classe e um espirito de solidariedade ezemplar. Numa reunião á qual compareceu a totalidade dos operários da classe confirmaram a sua deliberação e recuzaram-se de carregar tijolos nas olarias onde não sejam aceitas as condições impostas pelos operários.

Greve de tecelões

Continuam em grevé os tecelões da fábrica Giovanni Crespi & C.

Não faltou desde o segundo dia da greve nos arredores da fábrica a valoroza intervenção *dos garridos bonecos*, para guardar a pele de 4 cãis que lá tinham ido roer os ossos caidos da meza dos patrões.

E valha a verdade, os tais cãis são da pior raça que ha: até a pontapés já têm sido postos fóra das fábricas de tecidos por onde têm arastado a sua cauda immunda.

Os grèvistas publicaram o seguinte manifesto, com o qual fazem um apêlo à solidariedade dos seus companheiros de oficio.

Companheiros:

Não ignorais, pela certa, as cauzas que nos obrigaram a abandonar o trabalho na fábrica de tecidos de «Giovanni Crespi e Comp.». Estes senhores, por capricho, como se nada fosse, comunicaram-nos ha dias, que pretendiam diminuir o preço da mão de obra nada menos de 20%.

Todas as desculpas trazidas para justificar este procedimento não deixam de ser vãs: a àcção fica em toda a sua brutalidade e não pode ser justificada.

Ora, seria bonito que no nosso salario, o mizero salario que apenas dá para tirar a fome ás nossas familias, poudesse ser duma vez diminuida uma quinta parte, e isto pelo capricho dum industrial sem conciencia! A isto não podiamos de modo algum adaptar-nos, seja porque reduzir de tal maneira o preço do nosso trabalho vem dizer roubar da boca dos nossos filhos um pedaço do pão que atè agora lhes podemos dar, seja para não criar um precedente odiozo na vida operária de S. Paulo. Não podiamos ficar indiferentes deante de uma tal prepotencia, não podiamos permitir que ás nossas familias fosse tirada uma parte tão importante do seu sustento para encher sempre mais a já repleta burra dos patrões que viveram e vivem a custa do nosso suor. E para reajirmos, para impor a nossa vontade recorremos ao unico meio ao nosso alcance: A greve. Abandonemos a fábrica — á qual já tinhamos dado a nossa parte melhor á qual mais de um companheiro tinha sacrificado a sua vida — e alí não voltaremos a não ser que seja abolida esta odioza ladroeira.

E isto fizemos, na esperança de que não nos faltaria o apoio dos que têm coração e conciencia, apoio que não nos deve absolutamente faltar.

Companheiros tecelões:

Ir trabalhar hoje em nosso logar na fabrica de «Giovanni Crespi e Comp.» seria não somente uma àção vil, mas um verdadeiro roubo, Porque traír a nossa cauza vem dizer roubar aos nossos filhos o pão que para èles alí ganhamos.

Ninguem, estamos certos, ha de querer ser nosso traidor, ladrão do nosso pão. Se assim fosse nos daria direito a uma justa reàção pela nossa defesa, pela defesa da vida das nossas familias!

Os tecelões compreenderão a nossa situação e ninguem, absolutamente ninguem, se baixará a ser crumiro.

Viva a solidariedade operária!

Os Tecelões de Giovanni Crespi & C.

Ao público em geral e aos Tecelões em particular

(Continuação e fim)

Demonstrei no número passado a isensatez ou, para melhor dizer, a má fé com que fora feita a nova tabela de preços da fábrica «Mariangela» e, para melhor esclarecer as minhas afirmações, vou agora demonstrar quanto podem chegar a ganhar, por mez, os operários desta fábrica.

O tear do pano 24 e 25 produz 40 metros por dia, o que faz com que o o tecelão ganhe 800 reis, que multiplicados pelos 4 teares, dão 3$200 rs; de modo que o operário pode ganhar 80$000, no mássimo, por um mez de 25 dias de trabalho.

Os tecelões que trabalham nos panos 8 e 22 e em todos os desta qualidade ganharão, com uma producão de 35 metros por dia, 770 reis, ou sejam 3$080 reis pelos 4 teares, o que corresponde a um ordenado mensal de 77$000 reis. E, torno dizê-lo, para conseguir estes ordenados, é necessário ao tecelão ser habil e trabalhar com vontade: do contrario, não vai lá.

Panos ns, 1-19-37. Estes, como podem dar a producão estipulada, são pagos a 22 reis: assim cada tear dará ao tecelão um rezultado de 1$166 reis por dia: por isso com 4 teares ganhará um tecelão 4$664 rs. diários ou 116$000 por cada mez de trabalho.

Ora veja-se a diferença que ha entre uma e outra qualidade de pano, e note-se que estas últimas qualidades ezijem metade do trabalho das outras. Os contra-mestres, em regra geral, são pagos, em todas as fábricas, por empreitada, isto é: pagam-lhes um tanto por um metro de producão, e esta remuneração regula de $1\frac{3}{4}$ a 2 reis por metro. O número de teares de cada contra-mestre é de 80.

Na fábrica «Mariangela» cada contra-mestre tem 60 teares e recebe $2\frac{3}{4}$ reis por metro de producão, alem de 50$000 que a caza lhes paga cada mez

Alem disto, cada contra-mestre, pode ocupar na sua repartição todas as pessoas da familia—mulher, filhos, irmãos, cunhados — o que quér dizer que, para os seus, êle dará o pano melhor: o mais ruim é para os outros.

Já foi verificado que o tal pano 16, que como já disse, devia ser trabalhado com roda 40, era trabalhado pelas familias dos contra-mestres com roda 44, chegando assim a ter cada tear um aumento na sua producão diária de 4 ou 5 metros, o que dá uma dife-

rença, para mais, de 400 a 500 metros em cada mez.

Não faltou quem fizesse notar ao mestre este máu procedimento, mas como na fábrica «Mariangela» a justiça é letra morta, porque acima déla estão os caprichos dos seus dirètores, ficou por isso mesmo. Ainda mais: a um operário que quiz protestar dizendo que não deviam ezistir particularidades no serviço, foram tirados os teares por ter faltado um quarto de dia ao trabalho e foram os mesmos entregues a uma cunhada do contra-mestre. Ora, se isto se tivesse dado em uma fábrica em que houvesse dignidade entre os operários, o tal contra-mestre teria sido despachado para seu castigo e ezemplo dos demais.

Outra coisa: em todas as fábricas os contra-mestres são escolhidos entre os operários mais práticos e que pela esperiencia tenham adquirido algum conhecimento técnico do oficio; entretanto, na fábrica «Mariangela» alguns dos contra-mestres são limpadores de ferro que depois de estarem quatro ou cinco mezes com o saco ás costas, limpando teares, passam a ser contra-mestres sem saberem *remeter* dois fios.

Ali não é precizo, para este encargo, conhecer a fundo o oficio de tecelão: basta saber adular e ser crumiro.

S. Paulo, fevereiro, 1908.

SALUSTIANO MARTINS.

Pedreiros

Tabela dos preços da mão de obra aprovados na assembleia geral da classe, a qual será posta em vigor quanto antes.

Serviço	Preço
Colocação de pedras nos alicerces — cada m. c.	5$500
Colocação de pedras com uma face á vista	7$000
Colocação de tijolos em cazas de um só andar com porão	6$500
Colocação de tijolos em cazas asobradadas	11$000
Colocação de têlhas francezas no telhado, cada m. q.	$500
Colocação de têlhas cóncavas nacionais	$700
Reboque interno em duas mãos	$700
O mesmo em uma mão	$400
Colocação de azulejos verticais	2$500
Colocação de ladrilhos	1$000
Cimentado nos porões ou em baixo do soalho	$800
Voltas com colocação de trilhos	1$500
Forros a cal com armação pronta	1$500
Divizão de tijolos tubulares	1$500
Divizão de tijolos comuns cheios	1$500
Toma-junta de tijolos com ferro	1$500
Toma-junta na pedra a fita	1$000
Fachada ou frente liza	1$500

Os prezidios industriais

Publicaremos sob esta rúbrica todas as queixas trazidas ao nosso conhecimento e as àções de patrões que se salientarem da generalidade pela sua maior doze de malvadez.

UMA FABRICA MODELO é o «Lanificio Italo-Paulistano», á Avenida Intendencia, 109, e cujos proprietários, Chieffi, Biola & Ervene, estão adòtando um curiozo sistema de espoliação: contratam com os operários o respètivo jornal, fazem-nos trabalhar um mez e pagam-lhes depois menos do que o preço tratado. Sabemos de operários que abandonaram outras fábricas para ir trabalhar nesta, iludidos com as promessas destes patrões ART-NOVÉAU e foram no fm do mez roubados em 1$000 por dia. Alem disso, consta-nos que nesta fábrica de tecidos esploram-se da maneira mais vergonhoza muitas infelizes crianças; basta dizer que meninos de doze anos ganham por um dia de 11 horas de trabalho A QUANTIA DE 300 REIS!

Que canalhada, esta gente honesta !!!

***

Pessoas que muito merecem a nossa confiança, pedem-nos que ponhamos em guarda os operários canteiros, cazo sejam convidados para trabalhar nas obras da Comp. Light em Parnaíba. A Companhia oferece aos canteiros um jornal superior ao que êles costumam ganhar em S. Paulo — dizem-nos que lhes paga até 10$000r eis por dia — julgando que, estimulando assím a avidez dos operários com promessas de grande ordenado, lhe será facil atraír às suas obras uma grande quantidade de máquinas humanas.

Ninguem diz, porém, que o trabalho é feito em condições anti-hijienicas e insuportaveis. Basta um operárío trabalhar durante um mez no túnel que aquéla companhia está àtualmente abrindo, para adquirir doenças reumáticas que o deixam inválido por muito tempo. Sabemos de operários canteiros que fujiram dois dias depois de para lá terem ido, horrorizados com as condições de saùde em que viram os homens que se entregam àquêles trabalhos.

Ficam portanto avizados os canteiros de S. Paulo e do interior do Estado: Indo trabalhar nas obras da « Light » em Parnaíba, ganham bom ordenado, mas estragam dentro de pouco tempo a sua saúde, ficando impossibilitados de continuar a ganhar o pão para as suas familias.

***

Recortámos de « La Battaglia »:

« Consta-nos que nas oficinas inglezas da Lapa cometem-se com dano para os operários as mais inauditas infámias.

Dizem-nos que algums contra-mestres, alguns puxa-sacos, grandes canalhas que têm lá dentro o encargo de pequenos chefes, merecem, pelas suas continuas torpezas, um bom metro de corda ao pescoço.

Não nos foi possivel ainda colher as informações necessárias para apontra estes sujeitos ao desprezo do publico, mas pedimos aos trabalhadores destas oficinas que nos forneçam para a próssima semana os apontamentos que nos são precizos ».

Por nossa parte, não deicaremos de procurar obter sobre tal assunto todas as informações, e não pouparemos os canalhas, sejam lá quais forem, ás nossas chicotadas.

N. da R.

***

Chamamos a atenção dos operários para as noticias que o nosso amigo e companheiro J. Firminio nos envia de Amparo e que se referem à situação dos operários nos trabalhos da Estrada de Ferro Alcobaça - rejião do Tocantins.

Do nosso arquivo

« Mas a esperiencia destas ultimas semanas convenceu-nos de que estavamos em erro ajuizando a conciencia do proletariado pela força aparente dos seus sindicatos. Esta esperiencia serviu magnificamente para nos persuadir da verdade duma teoria da qual não estavamos ainda perfeitamente certos: que nas àtuaís condições materiais e psicolojicas do povo é utupistico crer possivel organizar formalmente todos ou quazi todos os trabalhadores e è precizo contentar-se com associar o maior numero possivel.

Os sindicatos devem ser núcleos de enerjia, centros de iniciativa, órgãos coordenadores; nem podem ser outra coiza. Para dezempenhar esta função, os sindicatos necessitam de recolher no seu seio os trabalhadores mais concientes, mais dispostos ao sacrificio: os outros, isto é, os indolentes e os egoistas, mesmo quando, porventura, entram nos sindicatos, para outra coiza não servem senão para embaraçar a àção dos mais enerjicos. Podem contribuir, quando muito, para engordar a caixa da sociedade, mas de ordinario, fazem pagar bastante caro este tributo em ocaziões de greve e em outras, ezigindo subsidios que rapidamente esgotam o pecúlio recolhido, e comprometem o êzito da batalha quando ja não é possivel dar-lhes mais.

E para conhecer quais são os trabalhadores mais pròprios para fazer parte do sindicato, o meio melhor é o de fazer continua propaganda, inscrever os que espontaneamente se aprezentam e fazer regulamentos que não refreiem continuamente o espirito de iniciativa de uns com a força de inercia dos outros. Assim o sindicato chegará a funcionar quazi automàticamente, atraìndo incessantemente os dotados de boa vontade e despojando-se dos elementos inassimilaveis, embaraçadores, nocivos ».

(Do *Avanti!* de 31 de maio de 1907).

Por êles terem por ocazião de uma grève no seu estabelecimento, posto na rua centenas de pais de familia, pondo-os na impossibilidade de dar o pão aos seus filhos, e pelos sistemas escravocratas que em suas fabricas vigoram

Não compremos os generos de F. MATAAZZO & C.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Uruguai

A « União general de picapedreros graniteros de La Paz» nos enviou para ser publicado o seguinte manifesto:

A todos os operarios do mundo

SAUDE, FORÇA, UNIÃO.

Companheiros:

Não podemos deixar de levar ao vosso conhecimento a luta que nós— canteiros de *La Paz* (departamento de Canelones) *Chacarita* e *Paso del Molino* — empreendemos e que foi provocada pelos patrões, como se depreende facilmente desta carta que a sociedade dos proprietários enviou á nossa União:

«Montevideu — Senhor prezidente da União geral dos canteiros — La Paz. Esta sociedade rezolveu boicotar a pedreira de Francisco Ciappe, porque este senhor vende as *adoquines* a um preço muito inferior ao dos outros empreiteiros.

Por isso pedimos á V. S. que dedique a esta questão a devida consideração, porque éla nos obrigaria a diminuir os preços da mão de obra das *adoquines* e tambem os ordenados dos que trabalham, por dia o que vos acarreteria um grande prejuizo.

Prevenimos-vos de que os patrões estão dispostos a dar trabalho immediatamente a todos os operários da pedreira do senhor Ciappe sem lhes fazer perder um dia de trabalho sequer e sem abatimento de preço.

Assinado: o Prezidente Fracisco Poser; o Secretario, Giovanni Zorzit.» (*)

Os canteiros de *La Paz* depois de terem recebido esta carta nomearam uma comissão para estudà-la e não achando nenhuma razão para boicotar o senhor Ciappe — pois êle trata os seus operários senão melhor pelo menos de modo igual aos outros patrões — ficou deliberado que a nossa União respondesse que não achava justo boicotar patrões desde que não houvesse motivos suficientes e que não queria entrar no meio de questões entre patrões, e muito menos ajir contra um patrão em nada diferente dos outros.

Esta resposta que era a nossa mais potente demonstração de que não queriamos servir de joguete a ninguem, não satisfez os patrões, que despacharam todos os seus operários, julgando talvez conseguir com este meio o seu intento. Mas enganaram-se, pois os operários receberam o golpe com a conciencia do homem emancipado.

Se os patrões quizeram com isso amendrontar-nos, enganaram-se. Pelo contrario, contribuiram para reforçar a nossa união; demonstraram-no os companheiros de « Montevideu » e os serventes de La Paz, que desde o primeiro momento nos ajudaram com a sua valioza solidariedade.

Em vista da luta empreendida comunicamos a todos os operários que tambem nesta pequena república se luta pela emancipação do homem, e que nós outros dezejamos pôr-nos em relação com todas as sociedades operárias — particularmente de Canteiros. Por isso pedimos aos jornaes operários a reprodução desse nosso dezejo de apertar cada vez mais os laços que nos ligam ao mundo produtor.

. . . .

Esperamos o rezultado desta luta, imposta pelos patrões, — com toda a calma de quem luta pela justiça, e não duvidamos que o triunfo venha a ser nosso.

Na certeza de sermos apoiados por todos os homens de conciencia sã, vos saùdamos fraternalmente.

A Comissão da «União General de picapedreros e graniteros» de La Paz.

(*) — Parece uma segunda edição, embora menos jezuitica, da famoza circular dos industriais chapeleiros desta cidade.

N. da R.

ITALIA

Ajitação pro' escolas leigas

Uma ajitação pela abolição do ensino relijiozo nas escolas públicas está àtualmente ocupando o espirito público de Itália.

Um telegrama publicado no *Fanfulla* do dia 19 do corrente mez, diz: « *Reuniu-se hoje o Conselho da* Confederação Geral do Trabalho e, *apoz breve discussão, decidiu enviar ao On. Marcora, prezidente da camara dos deputados, um telegrama, augurando o triunfo da moção Camerini pela obrigatoriedade do ensino relijiozo nas escolas primàrias* ».

Decididamente, ou isto é um boato espalhado por alguns mal intencionados ou a redáção do *Fanfulla* caiu num medonho erro, publicando como deliberação da *Confederação do trabalho* a decizão de uma qualquer associação de crumiros que vejete na Itália à sombra do Vaticano.

Que as organizações operárias da Itália não queiram dirètamente tomar parte na àtual ajitação, ainda vá; mas que essas associações cheguem a tomar deliberações do gosto da que foi aqui publicada, atravez dum telegrama, pelo *Fanfulla*, — não acreditamos.

Como podem os operários organizados dezejar que continue a vigorar nas escolas o ensino relijiozo, quando conhecem por esperiencia o mal enorme que as dogmáticas doutrinas dos padres fazem ao cerebro dos nossos filhos?

Como podia a *Confederação geral do Trabalho* dar um passo que a puzesse na triste condição de alvo dos protestos de todos os espiritos livres da Itália?

Não, não; é impossivel!

E' uma mentira, uma vergonhoza mentira, o telegrama do *Fanfulla* e contra êle protestamos em nome da dignidade das sociedades operárias da Itália.

Espanha

*** *Córuña*. — Ha aqui greves de canteiros, empregados de *tramways*, metalurjicos, marinheiros e maquinistas, serradores e operários das fábricas de espelhos. Estão tambem em greve as carpinteiros de Ferrol.

O movimento aumenta dia a dia com carâter essencialmente revolucionário.

Ha probabilidades de que o movimento se generalize.

*** *Igualada* (*Barcelona*) — Os curtidores acham-se em greve ha mais de quatro mezes.

Todos estes movimentos operários são feitos para conseguir o aumento de salário e a *jornada de 8 horas*.

PELO ESTADO

Jundiaí

(CORR.) — A Liga Operária vai agóra de vento em pôpa. Alguns bons companheiros que tinham abandonado o nosso movimento, arrastados pelas pequenas questiúnculas pessoais, compreenderam por fim o grande erro cometido, e voltam de novo à àtividade, à àção. A Liga aumenta de sócios dia a dia e o que mais vale é que estes são movidos pelo amor á cauza proletária.

Assim devia ser.

A greve da Paulista — este grandiozo movimento que marca a orijem do sindicalismo no Estado de S. Paulo, e ao qual se deve, indiscutivelmente, este despertar de conciencias e este principio de ajitação com suas primeiras vitórias — já começa a dar, tambem nesta cidade, os seus primeiros bons frutos, pois a necessidade de organização compreende-se aqui agóra como nunca e desta vez os operários de Jundiai adestrados pela esperiencia, praticam na sua associação os verdadeiros métodos da luta de classe, que lhes garantem longa vida e bons rezultados.

No sábado, 22, haverá aqui uma grande reùnião de operários, com a participação dum delegado da Federação Operária do Estado de S. Paulo.

Santos

(*Da Aurora Social*)

PEDREIROS, CARPINTEIROS E PINTORES

Realizou-se uma numeroza assembleia destas classes.

Entre outros assuntos tratados foram aprovadas as contas aprezentadas pelos tezoureiros.

Terminada a ordem do dia o camarada Eladio Antunha falou sobre a lei do sorteio militar obrigatorio. Tambem fez uzo da palavra R. Gens.

Foi convocada uma nova assembleia destas classes para o dia 15 do corrente, para tratar com especialidade o assunto que mais interessa hoje aos trabalhadores: o sorteio militar.

SINDICATO DOS ALFAIATES

Acha-se definitivamente instalado este sindicato. Em assembleia realizada, à qual compareceu grande numero de operários desta classe, foram aprovados os estatutos e feita a nomeação da comissão administrativa e dos delegados à Federação.

Notamos um grande entuziasmo em quazi toda a classe.

E' de esperar que assim continue por muito tempo, pois só assim poderão fazer coiza util para a propria cauza.

***

O encarregado da Altaiataria Marinho, (não lhe citamos o nome desta vez) anda esplorando os operários desta cidade, mandando encomendas para S. Poulo com o intento de ganhar um patacos a maior do seu ordenado, que è a minharia de 300$ reis!

Ora o grande lambão! Veja se toma vergonha, seu ambiciozo, do contrario passará pelo desgosto de ver a sua biografia na *Aurora Social*.

E' bom que o snr Marinho tome conhecimento deste facto que o seu limpa-botas comete.

CARREGADORES DE CAFÉ

Realizou-se uma assembleia deste sindicato, sendo aprovada a reforma feita nos estatutos.

COZINEIROS E ANECSOS

Está em via de organização este sindicato. Realizaram-se diversas assembleias, correndo todas muito animadas.

***

A Federação Local e todos os Sindicatos mudaram a séde social para a Praça Telles n. 8.

O REPORTER.

SÃO BERNARDO

Na assembleia realizada em 5 do corrente, o Sindicato operário deliberou dividir-se em grémios, ficando desde já constituidos o grémio dos marceneiros e o dos tecelões. Quanto antes será realizada ali uma conferencia de propaganda por um companheiro enviado pela Federação Operaria do Estado.

Limeira

Os operários Chapeleiros desta cidade fundaram uma sociedade de rezistencia filiada á *União dos Chapeleiros* de S. Paulo.

Foi aprovado na primeira réunião um voto de solidariedade e incitamento aos chapeleiros de S. Paulo átualmente em greve e ficou deliberado enviar aos grevistas um aussilio em generos alimenticios.

Foram lançadas as bazes duma cooperativa de consumo e os socios déla estão preparando o terreno para uma cooperativa de produção.

Foi deliberado fundar um *Centro de Estudos Sociais* para educar os operários que vejetam ainda numa inconciencia lastimavel.

***

(*F. Berlacchi*) — Em continuação aos apontamentos que vos enviei ha dias, e para cumprir com a minha promessa envio hoje para a «Luta» esta primeira correspondencia.

A maioria dos operários não é aqui menos inconciente e hapatica de que em certas outras localidades do Estado.

Ha falta absoluta de organização — a unica sociedade de classe é a seção dos chapeleiros que fui fundada ha dias e da qual já vos di noticia — e os operários discuidam de manera lastimavel dos seus interesses. E dizer que ha aqui oficinas, cujos patrões chamam-se de socialistas, que fazem trabalhar os operários 14 horas por dia. Viva o socialismo!!!

***

A União dos Chapeleiros de S. Paulo enviou-nos uma carta protestando enerjicamente contra a nossa iniciativa da Cooperativa de produção. Ora, porque? E' preciso dizer que os nossos companheiros dai não coomprenderam o segnificato da nossa deliberação.

Quem se recusou de comprar as acções da cooperativa de S. Paulo? Ninguem entre nos!

Talvez a nossa cooperativa prejudique a de S. Paulo?

Não achamos! podia ser até uma filial da daí e ajuda-la na colocação das suas ações.

Em todo o caso éla è sempre para nós uma arma de defeza.

Vamos companheiros! Confessai que o vosso protesto não tinha razão de ser.

***

E agora duas palavrinhas ao snr. Villela:

Este tipo quiz envolver-se atè em questões desta nova fabrica. A semana passada veiu aí o snr. *Prates* — o dono desta fabrica de chapeus — e o tal Villela encheu-lhe a cabeça de historias: que a maioria das fabricas de São Paulo trabalham 9 horas; que êle tambem devia adoptar este horario e muitas outras patuscadas.

Naturalmente o proprietario desta fabrica, logo ao chegar aqui tentou impor o horario de 9 horas, mas compreendeu logo que nós não estavamos dispostos a aturar esta imposição e dezistiu.

Antes assim!

Fique ciente o snr. Villela que de operários concientes de seu direitos ha em toda a parte e que aqui tambem ha homens capazes de ezigir o respeito á sua dignidade.

Compreendeu?!

REÚNIÕES

Tecelões. **O Conselho do sindicato reúne-se na sede, a o Largo Reachuelo, 7, todas as terças feiras, á noite. No próssimo domingo, 22, ás 2 horas, os sócios do sindicato e os tecelões em geral são convidados para uma assembleia da classe.**

Transportadores de Tijolos. **Reúniãogeral da classe no domingo, 22, no Largo do Riachuelo, N. 7.**

Operarios!
Ninguem deve comprar os produtos da Casa F. MATARAZZO & COMP.

O TRADE-UNIONISMO NORTE-AMERICANO

I. Resumo histórico do movimento operário no paiz dos «trusts»

O movimento operàrio nos Estados Unidos aprezenta um paradocso aparente: o paiz dos « trusts » jigantes, aquele em que é mais completa a concentração capitalista, é um paiz em que o proletariado tem uma fraca conciéncia de classe.

A principal razão disto é que, desde a orijem histórica dos Estados Unidos, o Oeste, livre, inculto, abria-se diante das esperanças de todos os perseguidos da vida: em vez de se revoltarem nas grandes cidade do litoral, emigravam para o Oeste, páiz do ouro e da terra devoluta.

Em quanto o operário espera melhorar a sua sorte pela emigração (como na Inglaterra), ou com o stabelecimento dum pequeno negócio (como em França), não é um revoltado. O proletariado só pensa a valer na sua emancipação *de classe* quando vê impossivel a emancipação *individual* e legal, quando, no inferno do salariato, como no Inferno de Dante, perdeu cada um a esperança de se salvar só: *Lasciate ogni speranza.*

Ao contrário da Europa continental, o movimento operário americano não foi animado do ideal comunista. Até estes últimos tempos, o socialismo e o anarquismo foram considerados como doutrinas de importação estranjeira.

A história do movimento operário nos Estados Unidos é confuza e pouco conhecida.

Dum lado a industrialização do paiz impelia ao agrupamento, do outro lado a emigração para o Oeste tendia a dissolver o espirito de revolta. Demais os prejuizos democráticos são muito fortes na América, onde a hipotética « igualdade política » faz esquecer a fundamental dezigualdade económica. E', nos Estados Unidos onde se acha ainda o maior número de incorrijiveis simplórios que imajinam que o seu voto de livre cidadão os ajuda a ganhar o pão. São obstáculos, esses, á formação duma mentalidade de classe.

Venceu a influência corporativista dos immigrantes inglezes.

O trade-unionismo inglez traz em si essa tara constitucional de se ter formado em condições industriais anormais. Durante o periodo escepcional de prosperidade, de 1846 a 1875, não ezistia para a Inglaterra a concorréncia internacional, os salários podiam aumentar indefinidamente, a habilidade governamental aliviava os impostos e reduzia o custo da vida. As trade-unions podiam então rezolver as questões de salário com simples negociações. Habituaram-se a considerar o patronato não como inimigo, mas como confrade comercial, como um *cliente*, a quem cada corporação de oficio trata de vender a sua mercadoria trabalho pelo mais elevado preço possivel.

Esta tática sobreviveu ás condições económicas escepcionais que lhe haviam dado orijem; hoje é um anacronismo. Importada nos Estados, a trade-union, a união de oficio ingleza ali manifestou os seus defeitos ainda mais claramente do que na Inglaterra.

Nada era menos conforme ao temperamento norte-americano do que essa importação ingleza (apezar da identidade da lingua, os inglezes são os europeus com os quais os norte-americanos menos simpatizam). Esse corporativismo estreito e medrozo, esse cretinismo de rebanho, esse espírito de autoridade, de burocracia e de negociação armonizam-se mal com a espontaneidade, e enerjia, a « vida ardente» *(strenuous life)*, o brio da nova América. Nessa população de sangne rico, o elemento alemão poz o seu idealismo e o elemento irlandez a sua corajem e alegria.

O proletariado norte-americano não se atolou logo nesse absurdo trade-unionismo.

De 1882 a 1890 teve a sua manifestação mais característica, a *Ordem sagrada dos Cavaleiros do Trabalho*, bizarra associação operária, ao mesmo tempo relijiosa, maçónica e revolucionária, que fez tremer a burguezia tranzatlántica. Foi nos Estados Unidos, nessa época, que naceu a reivindicação das *Oito Horas* e o *Primeiro de Maio*, que o Congresso de Paris, de 1889, importou para Europa. Foi o congresso operário norte-americano de 1884 o primeiro que preconizou a conquista das 8 Horas no primeiro de Maio de 1886 pela acção directa. A rezolução do congresso operário francez de Bourges, 20 annos depois, foi a cópia d'aquela.

Os primeiros mártires dos sindicatos revolucionários, encaminhando o movimento operário pelo terreno económico, fora dos partidos políticos, foram Spies, Parsons, Engel e Fisher, enforcados em Chicago, a 11 de novembro de 1887, apoz o atentado policiesco de Haymarket. (Lingg suicidou-se na prizão; Schwab, Fielden e e Neebe foram condenados á reclusão pelo mesmo motivo).

A acção directa é instintiva no norte-americano.

Foi desde 1893 que a tendéncia trade-unionista triunfou de vez. As trade-unions á ingleza constituem a *American Federation of Labour*, que apregoa cêrca de 2 milhões de quotizantes; mas esta estatística, vinda da terra das pêtas, deve ser posta de quarentena. Pelos frutos, se avalia a árvore: ezaminemos alguns dos frutos venenozos do trade-unionismo norte-americano.

II. Divizões e rivalidades de oficios

Tendéncia do sindicalismo moderno é agrupar os trabalhadores por *industrias*.

As trade-unions ainda os agrupam por especialidade de oficio.

Citemos um ezemplo: em França, os trabalhadores da construção fizeram a dura esperiéncia dos inconvenientes dos sindicatos de oficio, onde cada corporação, — dos marceneiros, pedrieros, carpinteiros, canteiros, pintores, etc. — estava separada das outras. Por isso acabam de constituir uma *Federação de Indústria* única, abranjendo todos os trabalhadores da construção.

Nos Estados Unidos, pelo contrário, as uniões de oficio gastam as suas forças disputando entre si o direito de agrupar esta ou aquela especialidade. E' a velha historia, nas antigas corporações, da luta entre sapateiros e remendões. Nenhuma solidariedade eziste entre esses diversos oficios, mas sim rivalidades de lojas. A trade-union cuja tarifa sindical é mais elevada um dollar que a da especialidade vizinha, julga-se saida da côxa de Júpiter.

Em cazo de greve, cada união de oficio entra em luta, sem se ocupar das outras.

Na mesma fábrica, fazem greve os operários de certa especialidade, mas os unionistas de outra especialidade não se consideram crumiros, continuando a trabalhar ou substituindo os grevistas: não pertencem á mesma trade-union.

Foi esta dezunião dos oficios que condenou à derrota *todas* as grandes greves dêstes últimos anos: a dos tecelões de Ealle-River, dos matadouros do Chicago, do caminho de ferro de Santa-Fé, dos mineiros do Colorado. Homens há que, com a caderneta de associado no bolso, se alistam na milícia para manter a «ordem» durante a greve, se o seu oficio não está em luta!

A trade-union transforma-se ás vezes num *trust* do trabalho, o *job trust*, o «trust do bom bocado». Por contrato com os patrões, a trade-union rezerva a seus membros todo o trabalho vantajozo, e depois levanta a joia e a quota, para não virem os novos comer no bôlo. São bastante frequentes as joias de *cem dollars* (mais de 300$000 reis) nas trade-unions de Nova-York. Os « Green bottle blowers » (Assopradores de garrafa verde) fizeram tratado com a *Anheuser Bush*, cervejaria monstro de S. Luiz, e depois elevaram a joia a *500 dollars* (mais de um conto e quinhentos).

Algumas uniões obtiveram rezultados notáveis.

Certas categorias da construção, em Nova-York, como os assentadores de tijolos (brick-layers), os ajustadores-mecánicos, em Pittsburgo, ganham 4 a 6 dollars (12$500 a 16$) por 8 horas de trabalho. Mas são cazos raríssimos e são egoismos ferozes que triunfam. Essas elevações de salários de certas corporações de oficio não fazem mais do que aumentar o custo da vida para o resto da classe operária.

(Continúa)

A. BRUCKÈRE.

Balancetes

BALANCETE GERAL DA FEDERAÇÃO OPERAIA (1)

Entradas:	
ALUGUEIS DE CAZA MAIO-OUTUBRO:	
Liga Trabalhadores em madeira...	160$000
União dos Chapeleiros............	100$000
» » Pedreiros e Anexos.....	140$000
Sindicato dos Tecelões...........	100$000
» Transportadores de Tijolos	60$000
União dos Trabalhad. Graficos.....	110$000
A. Moreira......................	53$000
Sindicato dos Trab. em Veiculos..	170$000
» Fabricantes de Tijolos...	30$000
QUOTAS: (2)	
Trabalhadores em Olarias.........	14$000
Sindicato dos Metalurjicos.........	20$000
Liga dos Pintores................	10$000
Sindicato dos Trab. em Veiculos..	8$400
» » Tecelões..........	33$500
Vidreiros de Agua Branca.........	74$000
União dos Pedreiros e Anexos.....	35$000
Liga dos Trabalhadores em Madeira	38$000
Liga Operaria de Campinas.......	242$500
VARIAS:	
Liga dos Trabalhadores em Madeira Doação....................	30$000
Trabalhadores em Olaria, Doação..	20$000
Retirado do deposito de agua.....	20$000
Liga dos Vidreiros de Agua Branca Rezultado de uma festa..........	50$000
Total....	1:518$400
Saidas:	
ALUGUEIS:	
Julho..........................	250$000
Agosto.........................	250$000
Setembro.......................	250$000
Outubro........................	192$000
» (*á União dos Sindicatos*)..	33$000
DESPEZAS DE GAZ:	
Instalação de Gaz................	55$000
Julho..........................	9$500
Agosto.........................	15$000
Setembro.......................	16$000
Veos, vidros etc..................	2$600
DESPEZAS DE AGUA:	
Deposito.........................	50$000
Julho e Agosto...................	10$000
Setembro e Outubro..............	13$100
IMPRESSOS:	
Pago a Del Frate................	170$000
» » Tipografia Moura..........	28$000
CORREIO:	
Sellos e cintas para manifestos e cartas........................	12$400
Assinatura da Caixa (3)..........	20$000
DESPEZAS GERAIS:	
Madeira para divizões na sede.....	35$000
Papel pintados para as mesmas....	21$200
Pinceis e grude..................	4$200
Pregos.........................	500
Carimbos (4).....................	8$500
Dois fexos......................	600
Goma arabica....................	500
Bonds..........................	4$800
Tinta e penas...................	400
Compra de jornais...............	1$200
VIAJENS:	
A Ferrari para Amparo............	5$000
Uma viajem à comp. de Pinto.....	5$000
JORNADAS REEMBOLSADAS (5)	
7 dias ao Grassini em Junho.......	31$500
4 » » » » Julho.......	18$000
3 » » » » Agosto.....	13$000
1 dia a Sorelli em Setembro......	5$000
Total....	1:531$000
Deficit...	12$600
Contas a pagar a Tipografia Del Frate..........................	152$000
Deficit...	164$000

(1) Este balancete é desde Maio 1907 até fim de Janeiro de 1908.

Não podemos dar conta de administração anterior a Maio 1907 por cauza de estarem todos os nossos rejistros daquela época nas mãos da senhora policia.

E' precizo notar tambem que, desde Outubro 1907 a maior parte da contabilidade — cobrança de quotas de S. Paulo, impressos, alugueis de caza etc. — passou á União dos Sindicatos cujos balancetes publicaremos dentro de pouco.

(2) As quotas pagas pelos sindicatos de S. Paulo so figuram aqui até o mez de Outubro, o resto está na conta da União.

(3) Primeiro semestre de 1908.

(4) Para o boicott do Matarazzo.

(5) Dias Perdidas por companheiros em serviços da Federacão.

Por ser ele o mais atrevido dos patrões; pelos insultos com que costuma apostrofar os operarios; pelas infamias por ele cometidas

Por não ter querido ceder ás justas reclamações dos seus operarios;

Não ides trabalhar na fabrica de JOAQUIM DOS SANTOS MALTA.